

Deodato e seu Vizinho

MELLO CANÇADO

Eramos quase vizinhos. Nunca lhe fora apresentado... Mas, naquelas primaveras belorizontinas ainda se cumprimentava sem conhecer; ainda se cedia lugar nos bondes para as senhoras; e os namorados ainda flertavam de longe, ou, quando muito, iam esperar, para ver, o especial "Santa Maria" no seu ringe-range-rangendo em demanda dos confins da Rua Pouso Alegre, ou então, mais felizes, não precisavam senão de espreitar a entrada e a saída da "Escola Normal Modelo" entre Pernambuco, Paraíba e Carandaí, — um verdadeiro Parlamento da Educação, — onde pontificavam Firmino Costa e outros sábios, bem como Cipriano de Carvalho que, sendo positivista, não acreditava na Eletricidade e, por isso mesmo, não andava de bonde! — Quanta saudade, Santo Deus!

Pois bem. Lá um belo dia, já no 2º ano da Faculdade de Direito, hoje Federal, — quando eu já era eu mesmo e as minhas circunstâncias, — surpreendi-me com o meu simpático vizinho Alberto Deodato entrando em nossa sala e o não menos simpático e bondoso Samuel fechando a porta, após bater o pesado sino de chamada... Ainda uma vez, que saudade pungente!

Sentava-me sempre, na Escola, na primeira fila por causa da incipiente surdez, já agora quase beirando a total, desgraça ou graça minha, nem sei bem... Mas, como ia dizendo, que surpreendente alegria a que me assaltou em duas frentes: na primeira, descobri, no meu risonho vizinho, o generoso Mestre que iria ter: na segunda, percebi que não precisaria de colocar no ouvido a mão esquerda

em concha, — que timbre de voz o dele! — para saber que diabo de conteúdo se ensinava na cadeira “Ciência das Finanças”, e logo o aluno, coitado, que, já sem pai nem mãe, dava murros em não hiperbólicas facas-de-ponta para ganhar o pão de cada aurora e de cada ocaso...

Acabada a aula, que era só de vinte minutos (“no arroz doce não se deve pôr muita canela” — dizia ele), bebemos café, ele e a maioria dos alunos, na Rua da Bahia. Foi então que, orgulhosamente, me proclamei seu “vizinho” e lhe disse que já havia escrito um artigo em “*O Horizonte*” sobre a “Doce Filha do Juiz”. Riu sonoramente. — Vovê gostou? O Humberto de Campos também ganhou o dinheiro de sua coluna à minha custa, falando bem do romancinho...

Ficamos amigos, logo. O que não impediu de ele dar-me 6 apenas numa prova escrita da disciplina, porque não resolvi a contento um problema de... imposto de renda!

Mas, há que falar numa prosa dele com o meu nobre diretor de “*O Diário*”, então órgão do Arcebispado, que tinha como titular um outro sergipano, admirável igualmente pela inteligência e pela bondade, que se chamava Dom Antônio dos Santos Cabral. O jornalista e civilista era J. Sandoval Babo. E como entendesse mesmo de todas as coisas divinas e humanas, Sandoval discutia religião com mestre Deodato. E aqui vai uma frase de meu querido vizinho e professor de “ciências financeiras e internacionais”: — “Sabe o que mais, ô Sandoval, ser católico verdadeiro não é sopa, não!”

Descobri mais tarde que ele era companheiro inseparável de outro sergipano, o grande convertido Jackson de Figueiredo, cujo cinquentenário de morte celebraremos a 4 de novembro próximo, — sem a presença agora de Alberto Deodato que lhe dedicou, no “*Estado de Minas*” de 3 de agosto findo, uma de suas últimas e mais comovedoras crônicas.

E aqui fica, neste registo de saudosa alegria cristã (“as pessoas não morrem; ficam encantadas...”) e de pálido preito ao meu vizinho, uma nota muito grata ao coração de Deodato, o homem que demarrou tantas vezes para “Oropa,

França, Bahia”, do inesquecível Jair Silva, mas nunca perdeu de vista-de-amor o seu Maroim, a Propriá de Dom Cabral, nem o São José do Gorutuba: — “O Brasil é um Gorutuba muito grande”, — afirmava ele no prefácio da “Doce Filha do Juiz”.

Como Mauriac, Mestre Deodato sabia que “un artiste sans communication avec la Province est aussi sans communication avec l' humain” — Em face do que, nunca me foi difícil entender porque o meu Professor era tão humano, tão compassivo, tão solidário e, como o Poeta, tinha o coração muito mais vasto que o mundo.